

Neologia e identidade de gênero: uma análise de usos do neologismo *boyceta*¹

Neology and gender identity: an analysis of the uses of the neologism *boyceta*

Ana Vitória Gomes Moreira²
Vanessa Regina Duarte Xavier³

Resumo: Compreendendo que o léxico se renova constantemente para responder às novidades sociais, o objetivo central deste estudo foi o de analisar a neologicidade e os usos da unidade lexical *boyceta*, que teve visibilidade no ano de 2024, após um episódio de *podcast* ir ao ar. Sobre este critério de estabelecimento da neologicidade, ressaltamos que as obras consultadas para verificar o seu (não) registro são referentes aos principais dicionários em língua portuguesa (Frankenberg-Garcia). Refletimos sobre a unidade neológica *boyceta* e discutimos alguns de seus usos na internet, a partir de um *corpus* constituído de materiais textuais jornalísticos, de caráter informativo e opinativo, derivados de resultados de buscas no Google. Para corroborar nossas análises, também observamos o interesse pela unidade lexical na internet, a partir da ferramenta *Google Trends*. Fizemos uso de uma metodologia qualitativo-descritiva e de uma teoria que engloba temas como léxico, neologia e identidade de gênero, partindo de autores como: Biderman (2001), Alves e Maroneze (2018), Woodward (2014), Vicente e Brandi (2021), Jesus (2012), Grossi (1998), entre outros. Os resultados demonstram que alguns usos da unidade lexical são feitos pelo viés do respeito às diversidades e, outros, inversamente, deslegitimam a identidade de gênero denominada *boyceta*.

Palavras-chave: Léxico. Neologia. Identidade de gênero. Boyceta.

Abstract: Understanding that the lexicon is constantly being altered to respond to new social developments, the main objective of this study is to analyze the neologicity and uses of the lexical unit *boyceta*, which came to light in 2024 after a podcast episode was aired. Regarding this criterion for establishing neologicity, we emphasize that the works consulted to verify its (non-)registration refer to the main Portuguese language dictionaries (Frankenberg-Garcia). We reflect on the neological unit *boyceta* and discuss some of its uses on the internet, drawing from a *corpus* composed of journalistic textual materials, both informative and opinionated, derived from Google search results. To corroborate our analyses, we also observe the interest in the lexical unit on the internet through *Google Trends*. We used a qualitative-descriptive methodology and a theory that encompasses themes such as lexicon, neology and gender identity, based on authors such as: Biderman (2001), Alves and Maroneze (2018), Woodward (2014), Vicente and Brandi (2021), Jesus (2012), Grossi (1998), among others. The results show that some uses of the lexical unit are made with an inclination to respect diversity and others, conversely, delegitimize the gender identity called *boyceta*.

Keywords: Lexicon. Neology. Gender identity. Boyceta.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), Catalão, GO, Brasil. Endereço eletrônico: anavitoria123r@gmail.com.

³ Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), Catalão, GO, Brasil. Endereço eletrônico: vrdxavier@gmail.com.

Introdução

A língua e seu léxico estão em constante renovação para atender aos anseios comunicativos de seus usuários, assim, muitas unidades lexicais consideradas novas podem ser inseridas no sistema linguístico dos falantes de determinada língua, bem como algumas unidades do léxico podem cair em desuso. A linguagem acompanha as modificações no campo social, sendo assim, quando uma nova realidade aflora é necessário que a ela seja conferido um nome, para que os falantes possam, então, referir-se a ela nas interações.

Diante disso, entendemos que distintas áreas do conhecimento humano, em crescentes mudanças devido à globalização e ao alavancamento de estudos e (re)conhecimentos de identidades sociais necessitam de unidades lexicais para denominar realidades as quais estão em constante expansão. O campo das identidades é um destes âmbitos que possui paulatina renovação vocabular, dado que, conforme avançamos nas discussões relativas ao tema, novas formas de se ver no mundo e de experienciar e vivenciar as facetas identitárias são compreendidas e, com isso, ocorre também a incorporação de novas unidades lexicais ao léxico da língua.

No cenário brasileiro, uma discussão acerca da unidade lexical *boyceta* surgiu no ano de dois mil e vinte e quatro (2024) culminando em polêmicas acerca dessa unidade lexical que está ligada à esfera da identidade de gênero. A polêmica surgiu após uma participação do *rapper* Jupitter Pimentel, no *podcast* “Entre Amigues”⁴, realizada no dia 22 de maio de 2024 viralizar na internet com a declaração de ser uma pessoa que se identifica enquanto *boyceta*.

Desde então, algumas discussões foram trazidas à baila por representantes da extrema-direita e até mesmo pela comunidade LGBTQIAPN+⁵ acerca dos usos desta unidade lexical. Diante disso, o nosso intuito central com essa investigação foi o de refletir acerca neologicidade desta unidade lexical e apresentar, então, os motivos de a considerarmos como uma palavra nova na língua portuguesa. Além disso, objetivamos também discutir qual(is) o(s) sentido(s) desta inovação lexical e como ela ligou-se à identidade, ou seja, em qual(is) sentido(s) ela foi utilizada relacionada à identidade e quais os usos que estão sendo feitos dela. Como objetivos específicos, visamos i) observar o surgimento dessa unidade lexical e alguns de seus usos; ii) refletir, a partir da ferramenta *Google Trends*, o possível momento de aparecimento dessa unidade lexical em buscas feitas no *Google*; e iii) discutir o processo de formação e a sua constituição enquanto unidade lexical utilizada na língua e iv) elaborar uma discussão que envolva a linguagem, a identidade e a sexualidade a partir da unidade *boyceta*.

⁴ Para informações mais detalhadas sobre a fala de Jupi77er, acessar o episódio do *Podcast*. Disponível em: <https://youtu.be/MUiqX6IudgE>. Acesso em: 23 fev. 2025.

⁵ Sigla para: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Não-binários, sendo o “+” uma representação de outras identidades, identificando que a sigla abarca uma diversidade de orientações sexuais e de gênero.

Para fundamentar este estudo fizemos uso de teóricos que debatem sobre léxico, neologia e identidade de gênero, tais como Biderman (2001), Alves (2004), Carvalho (1987), Correia e Almeida (2012), Alves e Maroneze (2018), Silva (2014), Woodward (2014), Vicente e Brandi (2021) e Vicente (2020), entre outros. Nesta pesquisa, almejamos tecer uma discussão de como *boyceta* se constituiu enquanto unidade neológica e como a criação e utilização dessa unidade designam uma realidade social no âmbito da identidade de gênero.

Estudar o léxico de uma língua e, de modo mais específico, as unidades lexicais neológicas, em nosso caso, do âmbito da identidade, faz-se relevante porque investiga, além das unidades recém-criadas, as motivações históricas, sociais, políticas e identitárias que levaram à necessidade do surgimento de tais palavras. Ademais, essa empreitada também faz-se relevante porque pode fomentar reflexões acerca das dinâmicas sociais e identitárias registradas no léxico por meio da neologia, alcançando temas como as questões de gênero e o ativismo linguístico.

Além disso, esquadriñhar estas unidades lexicais é uma forma de compreender como a língua está em crescente renovação em distintos âmbitos, como o das questões de gênero. Diante disso, ao passo que investigamos e conhecemos tais realidades, caminhamos para a disseminação desses conhecimentos, o que pode influenciar em uma valorização e respeito das identidades dos sujeitos sociais em um caminho para o reconhecimento e respeito (d)às diversidades.

Nesse sentido, essa pesquisa torna-se relevante porque investiga uma unidade lexical de um âmbito sob o qual variados estudos estão sendo desenvolvidos na contemporaneidade com vistas ao reconhecimento e entendimento das várias matizes sociais que advém das identidades. Neste mesmo viés, compreendemos que, sobre a identidade de gênero *boyceta*, as investigações ainda se restringem a poucos números, devido também à novidade que a acompanha, são menores ainda no campo da linguagem, fato que corrobora o desenvolvimento deste estudo. Assim, empreender essa investigação é uma forma de conhecer os caminhos lexicais que estão sendo trilhados em língua portuguesa para a criação de novas unidades lexicais neste âmbito, ademais, este estudo pode ainda contribuir a pesquisadores do léxico, interessados na temática e a leitores atraídos por esta discussão e/ou tema.

Para empreendermos as reflexões almejadas nesta pesquisa, seguimos algumas perguntas que norteiam a nossa proposta, são elas: i) como a unidade lexical *boyceta* constituiu-se enquanto neológica? Quais os usos que vêm sendo feitos dela, especialmente no meio virtual?; ii) qual processo de formação de palavras é utilizado na criação desta unidade? e iii) quais discussões são levantadas social e culturalmente a partir do uso dessa unidade lexical?. Esses são questionamentos que visamos abordar no transcorrer deste texto, sabemos que eles possibilitam largo debate, mas nos restringiremos ao cumprimento de

nosso objetivo central. Cabe ressaltar que este é um estudo linguístico que busca observar a criação da unidade lexical, seu processo de formação e uso, bem como as questões sociais e semânticas a ela relacionadas, não sendo um estudo do campo sociológico, antropológico ou dos estudos de gênero propriamente dito, embora, em alguns momentos, apropriamo-nos de discussões teóricas destes campos.

A nossa hipótese é a de que a unidade lexical *boyceta* enquanto unidade neológica surge para responder a uma necessidade social relativa às identidades de gênero e, mesmo tendo uma visibilidade recente, provoca percepções e reações distintas a partir de seus usos a depender do indivíduo ou grupo social que a emprega e do intuito do usuário ao utilizá-la. Ou seja, a partir do lugar social, político e identitário dos sujeitos que produzem discursos sobre e com ela, temos distintas interpretações e sentidos, seja no aspecto de identificação seja no processo de criação e reforço de estígmas.

Convém destacar que para apontarmos a unidade lexical *boyceta* como neológica utilizamos como *corpus* de exclusão as seguintes obras lexicográficas: i) Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, de Ferreira (2010); ii) Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, de Houaiss e Villar (2009); iii) Dicionário Michaelis *online* (2025); iv) Dicionário UNESP do Português Contemporâneo, de Borba (2011) e v) Dicionário Aulete *online*, de Aulete e Valente (2025). Selecionamos estas obras por serem os principais dicionários publicados em língua portuguesa após os anos 2000, segundo o estudo de Frankenberg-Garcia (2017).

Esta investigação encontra-se dividida em três seções temáticas principais, na primeira, intitulada por “Dos procedimentos metodológicos”, discutimos os aparatos metodológicos que sustentaram esse estudo. Na segunda seção, “Do léxico à neologia: inovações lexicais”, discorremos teoricamente sobre léxico e neologia e, na terceira, abordamos a temática da identidade de gênero, atrelando-a aos dados e analisando-os, essa seção tem por título: “Identidade de gênero e os usos do neologismo *boyceta*”.

Dos procedimentos metodológicos

Em relação à nossa metodologia, consideramos este estudo como qualitativo-descritivo, uma vez que analisamos a estrutura da unidade lexical e alguns usos e sentidos. Para a realização da pesquisa e apresentação dos resultados, algumas etapas metodológicas foram necessárias, tais como: i) inicialmente, para apontar os motivos de considerarmos essa unidade lexical como uma novidade apresentamos, a partir de um *corpus* de exclusão, o (não) registro dela em obras lexicográficas, o que configura-se como um dos critérios para verificação do caráter neológico, ou seja, o critério lexicográfico de verificação e ii) após isso, analisamos alguns usos da unidade lexical a partir do *corpus* selecionado, vale dizer que, para

a seleção do *corpus* fizemos uma busca pela unidade lexical na barra de buscas do Google⁶ e, a partir dos resultados apresentados na pesquisa, selecionamos os cinco primeiros, para, então, coletar abonações nas quais a unidade tenha sido utilizada e refletir sobre elas.

O *corpus* deste estudo é obtido a partir da busca da unidade lexical no Google. Os dados textuais inventariados foram reunidos e estruturados em um quadro, a partir de trechos em que a unidade lexical apareceu. Após isso, estes recortes textuais foram analisados à luz das discussões aqui empreendidas. Os critérios de análise centraram-se na discussão interpretativa dos excertos selecionados a partir do *corpus*, observando as atitudes dos autores dos textos ao tratarem da unidade lexical em suas produções. Além disso, atentamos ao estilo de escrita e as seleções lexicais feitas pelos autores.

Para apoiar a nossa discussão, também realizamos uma busca pela unidade lexical na ferramenta *Google Trends*. Essa é uma ferramenta disponibilizada gratuitamente pelo Google, ela gera resultados de buscas por palavras-chave, expressões e tópicos que indicam a popularidade virtual do item pesquisado, levando em conta as buscas de internautas feitas no Google. O *Google Trends* registra as tendências de pesquisas com o marco inicial no ano de 2004 até o presente. Em nosso caso, inserimos a unidade lexical *boyceta* na barra de pesquisa e observamos o momento em que momento ela começa a ocorrer nos dados da plataforma. Registraramos em nosso texto o gráfico gerado nesta ocasião e o discutimos e interpretamos. Salientamos que esta busca na ferramenta é um complemento às nossas análises e reflexões, não tratando-se do *corpus* da pesquisa, composto pelos textos sugeridos pelo Google.

Do léxico à neologia: inovações lexicais

O léxico é entendido como o repositório linguístico de uma comunidade, nele encontramos as unidades lexicais das quais fazemos uso diariamente para nos comunicarmos, popularmente conhecidas como palavras (Biderman, 2001). Entretanto, nos estudos lexicais, evitamos o uso de *palavra* devido à dificuldade de delimitar este conceito teoricamente, sendo preferível o uso de *unidade lexical*, *unidade léxica*, *lexia*, *lexema*, entre outras (Xavier; Mateus, 1990/1992).

O nível linguístico lexical toca em valores culturais, políticos, históricos, sociais, entre outros, registrando, por meio de unidades lexicais, as mudanças ocorridas na sociedade, sendo, portanto, extralinguístico (Oliveira; Isquierdo, 2001). Além disso, por meio das denominações lexicais, é possível observar a forma como os indivíduos assimilam o mundo a sua volta, dado que os processos de nomeação, para além de serem uma forma de

⁶ A busca foi realizada no dia 16 de março de 2025, sendo que, anterior ou posteriormente a essa data, a mesma busca pode(ria) culminar em resultados distintos.

conceptualizar a realidade são, também, formas de agregar sentidos e posicionamentos às coisas e se apropriar delas.

As línguas naturais estão em constante renovação, pois, com frequência, novas unidades lexicais vão sendo aderidas ao léxico, devido as necessidades comunicativas, em contrapartida, outras vão caindo em desuso. Vale ressaltar que, nem toda unidade lexical nova, considerada um neologismo, vai aderir-se ao léxico da língua, embora algumas possam, sim, serem agregadas à língua e efetivamente utilizadas em distintas situações. Segundo Alves (2004, p. 5) “o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística”.

Quando falamos em criações lexicais, estamos referindo-nos ao processo de *neologia*, ou seja, “[...] todos os fenômenos novos que atingem uma língua [...]” (Alves, 2001, p. 25). O conceito de *neologia* abarca duas noções distintas, podendo ser a capacidade de renovação que possui a língua, por meio da incorporação de neologismos e se refere ao estudo dos neologismos, conforme discutem Correia e Almeida (2012). Sendo assim, a *neologia* é o processo por meio do qual são criadas novas palavras, os neologismos, estes, por sua vez, são o produto daquela.

O conceito de neologismo é abordado por Rey como “[...] unidade lexical cuja forma significante ou cuja relação significado-significante, caracterizada por um funcionamento efetivo num determinado modelo de comunicação, não se tinha realizado no estágio imediatamente anterior do código da língua” (Rey *apud* Correia; Almeida, 2012, p. 23). Eles podem aparecer sob o formato de palavras novas, palavras existentes que assumem novo(s) significado(s) e palavras adotadas de outros idiomas ou palavras que começam a ser empregadas em registros da língua e que não eram antes utilizadas (Correia; Almeida, 2012).

Para comprovar que uma unidade lexical é considerada neológica, é possível seguir alguns critérios, como a diacronia, a lexicografia, a instabilidade sistemática e a psicologia (Cabré, 1993; Alves; Maroneze, 2018), tais critérios não se excluem, todavia, “[...] a determinação da neologicidade de uma unidade lexical está, tradicionalmente, vinculada ao registro em dicionários. Esse critério de caráter lexicográfico tem sido usado, desde o início dos anos 1960 [...]” (Alves; Maroneze, 2018, p. 9), sendo um dos preteridos nos estudos neológicos. Nesse sentido, atestamos o caráter neológico da unidade lexical aqui analisada, *boyjeta*, a partir do critério lexicográfico, como veremos mais detalhadamente na seção subsequente.

Para estudar os usos dessa unidade lexical neológica, foi constituído um *corpus* a partir de matérias de *sites* fornecidos por buscas que realizamos no *Google*. A construção do *corpus* para a verificação de alguns usos dessa unidade lexical foi feita a partir da busca pela palavra na barra de pesquisas do *Google*, a fim de coletar abonações a partir dos resultados

ofertados pelo *Google*. Dessa forma, pesquisamos a unidade lexical e inventariamos abonações a partir dos cinco primeiros resultados textuais⁷ oferecidos pelo *Google*, sendo a data da coleta dia 16 de março de 2025. A partir disso, inventariamos as abonações para discussão.

Ademais, utilizamos a ferramenta *Google Trends* para verificar e refletir sobre as pesquisas realizadas na internet acerca dessa unidade lexical a partir dos dados fornecidos pela ferramenta. Vale destacar que o *Google Trends* é uma ferramenta que fornece dados sobre as pesquisas realizadas no *Google* ao longo do tempo. É possível pesquisar na plataforma por termos ou palavras-chave e verificar o quantitativo de pesquisas por esse item ao longo de um período.

Consideramos que a criação da unidade neológica *boyceta* é um neologismo que nasce a partir da formação de duas palavras “boy”, do inglês, com tradução livre para “menino” e “buceta” unidade lexical pertencente ao âmbito erótico-obseno pelo processo de metáfora (Orsi, 2009), mas as suas implicações linguísticas e morfológicas vão além, dado que prosodicamente a construção de *boyceta* remete sonoramente à unidade “buceta”, como veremos em nossas discussões posteriores. Isso é importante para pensarmos semanticamente as motivações da criação deste item neológico e os seus sentidos.

Identidade de gênero e os usos do neologismo *boyceta*

Levando em conta que a sociedade é diversa e que aos indivíduos é possível expressarem-se, reconhecerem-se e identificarem-se do modo que melhor se reconheçam, entendemos que as identidades não são características imutáveis e fixas, ao contrário, são categorias flexíveis e abrangentes. Para pensarmos o que é a identidade, congregamos o pensamento de Silva (2014, p. 74) que nos diz que

[...] parece fácil definir ‘identidade’. A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’. A identidade assim concebida parece uma positividade (‘aquilo que sou’), uma característica independente, um ‘fato’ autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente

Diante disso, compreendemos que, a identidade abarca aquelas características que definem quem somos, entretanto, não são somente esses traços que representam a identidade, uma vez que esse conceito implica o de diferença, porque quando se afirma uma identidade, “excluem-se” diversas outras (Silva, 2014).

⁷ Quando realizamos pesquisas no *Google* podemos nos defrontar com inúmeros resultados, no caso dessa pesquisa, utilizaremos somente aqueles que remetam a alguma matéria ou site que disponibiliza conteúdo em formato textual, ou seja, os resultados como vídeos, “Visão geral criada por IA”, *links* que redirecionam a outras plataformas, entre outros tipos de resultados não textuais foram desconsiderados.

O autor nos apresenta um exemplo que vale aqui a reprodução: “Quando digo ‘sou brasileiro’ parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. ‘Sou Brasileiro’ - ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que *não* são brasileiros” (Silva, 2014, p. 75, destaque no original). Isso quer dizer que, quando afirmamos uma identidade que nos define, estamos afirmando também uma diferença em relação ao outro, ou seja, assumir uma posição identitária é assumir uma diferença em relação aos demais.

Tudo que acreditamos, vestimos, identificamos, cremos, adornamos, compartilhamos e externalizamos faz parte de nossas identidades, nos caracterizando e distinguindo. Um mesmo sujeito social pode externalizar distintas identidades, por isso o uso do conceito no plural, até mesmo porque entendemos que as unidades são fluídas e não estanques e fixas, uma vez que há possibilidade de um indivíduo se identificar de uma forma em um dado momento e, em outros, não mais partilhar daquela identidade (Woodward, 2014). Segundo Woodward (2014, p. 15), “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade - por exemplo, para a identidade sexual”. Nesse sentido, o corpo desempenha um papel crucial na construção de nossas identidades e na expressão das subjetividades. A identidade de gênero é uma das facetas da identidade dos indivíduos e (a)firmar uma posição, nesta esfera, é informar a forma com a qual o sujeito vê-se socialmente e que gostaria de ser visto pelos demais. Em relação ao gênero, podemos entender que ele

[...] não é algo que está acabado, estando constantemente em construção através do tempo, sendo assim um fenômeno inconstante e contextual. Gênero é uma atividade incessante realizada sem se estar sabendo e sem nossa vontade, mas, mesmo assim, não de forma automática ou mecânica. Não se produz sozinho, sendo sempre ‘feito’ com ou para o outro, mesmo que este outro seja imaginário (Coelho, 2018, p. 60).

O gênero remete aos papéis sociais esperados dos indivíduos a partir das concepções biológicas binárias do sexo, ou seja, no que a sociedade convencionou atribuir ao “feminino” e ao “masculino”, ligando-se às construções sociais e culturais de identidade. Dessa forma, observamos que a sociedade, desde a mais tenra idade dos sujeitos, atribui a eles certas expectativas a partir do sexo biológico ao qual foram atribuídos mesmo antes do nascimento.

Sobre gênero, Grossi (1998, p. 5) aponta que ele é “[...] uma categoria usada para pensar as relações sociais que envolvem homens e mulheres, relações historicamente determinadas e expressas pelos diferentes discursos sociais sobre a diferença sexual”. Nesse sentido, podemos notar que a categoria gênero delimita as relações sociais entre os indivíduos e o seu meio social, entretanto, a autora aponta, nesta citação, a binariedade

envolvendo homens e mulheres, divisão que vem sendo repensada, devido a outras possibilidades de identificação relacionadas ao gênero.

Para a autora Joan Scott, o conceito de gênero deve ser pensado a partir de dois pontos principais, nas palavras dela: “O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). Disso depreendemos que o gênero permeia as relações sociais e está ligado a questões de poder e, portanto, de hierarquização.

Assim, a identidade de gênero pode ser compreendida, neste contexto, como o

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero (Jesus, 2012, p. p. 24).

Conforme avançamos nas discussões relacionadas a gênero, novas identidades e formas de se ver no mundo e de identificar-se vão somando-se às já existentes, para acompanhar as mudanças sociais. Segundo aponta Carvalho (1987, p. 14) “as necessidades coletivas, mutáveis e conflitantes moldam hoje a língua de amanhã, pois freqüentemente o que parece alteração na língua é resultado de alterações na sociedade, passadas a seguir para o sistema lingüístico”.

É nesse cenário que surge a unidade lexical *boyceta*, recentemente alvo de discussões e polêmicas, devido ao seu uso pelo rapper Jupi77er no podcast “Entre Amigues”, publicado no dia 22 de maio de 2024 na plataforma Spotify⁸ e no YouTube, no qual Jupi77er faz a declaração sobre identificar-se como *boyceta*.

Diante disso, verificamos tratar-se de uma unidade lexical neológica, dado que nenhum dos dicionários utilizados registrou a unidade em seu acervo vocabular. Consideramos que essa unidade lexical neológica foi criada a partir do processo de hibridação que, segundo Kehdi (2003, p. 50) “é a designação dada aos vocábulos compostos ou derivados, cujos elementos provêm de línguas diferentes”. Além disso, podemos considerar que *boyceta* também é formada a partir da composição por aglutinação, processo de formação no qual uma palavra é criada a partir da junção de duas palavras ou elementos, nesse caso, pode haver perda fonética de alguma delas, geralmente ocorre com o elemento da direita em língua portuguesa (Correia; Almeida, 2012).

⁸ Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/24OLolzMZPSM1UFZ872MrK>. Acesso em: 13 dez. 2024.

Jipi77er Pimentel e alguns usos da unidade lexical *boyceta*

Jupiter Pimentel é um *rapper* que nasceu em São Paulo, em 1992, seu nome artístico é Jipi77er e a escolha para seu nome de registro e artístico advém de uma música escrita por ele, a partir da qual o *rapper* inspira-se no universo, astrologia e espiritualidade, tendo seus documentos retificados após um mês da escolha de seu nome, consoante seu relato no *podcast*. O nome artístico possui dois setes substituindo os tês, eles fazem referência à Pomba Gira Sete Saias, entidade espiritual presente nas crenças religiosas do *rapper*, segundo seu depoimento no episódio (Entre Amigues, 2024, *online*).

Em 2024, Jupiter participou do *podcast* *Entre Amigues*, no episódio intitulado “Episódio 04: rapper, boyceta, bissexual e influenciador contra o corpo padrão com Jipi77er”, no qual foram discutidas algumas parcelas de sua identidade e de suas vivências, exploradas ao longo da conversa. Na legenda do vídeo, no *YouTube*, há a seguinte passagem apresentando o convidado: “Jipi77er é uma pessoa não binária transmasculina, gorda, bissexual e produz conteúdos artísticos e educativos na Internet para combater a gordofobia, cisheteronormatividade, transfobia e bifobia [...]” (Entre Amigues, 2024, *online*).

Após a sua fala no *podcast* viralizar na internet, Jupiter recebeu ataques de alguns públicos, sobretudo da extrema direita, tais ataques foram relacionados à sua identidade de gênero, um dos temas discutidos no episódio. Esses ataques foram disseminados na internet a partir de recortes de partes do *podcast* nos quais Jupiter afirma sobre ser uma pessoa *boyceta*.

Nesse sentido, notamos como uma novidade linguística a construção realizada por Jupiter, o que nos impulsionou a pesquisar sua criação, neologicidade e usos. Como vimos anteriormente, comprovamos ser a unidade um neologismo, visto não estar registrada em obras lexicográficas, entretanto, a investigação desta unidade, neste estudo, avançará a discussão de seu caráter neológico, tocando em pontos como os sentidos nos quais foi empregada em alguns textos *online*, especialmente jornalísticos, que compuseram nosso *corpus*. Além disso, verificamos os dados relativos às pesquisas por essa palavra no *Google* a partir da ferramenta *Google Trends*, com o intuito de observar quando ela começa a ser buscada e com qual intensidade, em uma tentativa de tornar mais robusta nossas reflexões e discussões dos dados.

Para analisar alguns usos desta unidade lexical, compusemos um *corpus* no qual ela apareceu em textos publicados na internet. Para isso, realizamos a busca pela unidade lexical na barra de pesquisa do *Google*, entre aspas, e coletamos os cinco primeiros resultados referentes a materiais textuais, que se resumiram a textos de caráter jornalístico. Os cinco resultados coletados a partir deste critério são textos advindos de *sites* como “Portal Terra”, “OUL”, “Revista Marie Claire” da editora Globo, “Metrópoles” e “Jornal de Brasília”. Lembrando que, a partir desta delimitação, nos colocamos frente a textos produzidos por pessoas distintas

e até mesmo de posicionamentos distintos, por isso, é válido ressaltar que nesta pesquisa, o intuito é o de observar quais os usos que foram feitos desta unidade nestes (con)textos. Os trechos dos textos nos quais a unidade lexical *boyceta* figurou foram inventariados e dispostos no quadro a seguir que apresenta o *corpus* principal da pesquisa:

Quadro 1 – Abonações do uso de *boyceta* em textos *online*

Nome e endereço do site	Nome da matéria e autor(a)(es)	Abonações
Portal Terra (https://abrir.link/tdfON)	<p>“O que é ‘boyceta’? Termo ganhou repercussão após fala de rapper transmasculino”. Escrita por: Isadora Wandermurem.</p>	<p>“Boyceta é uma identidade de gênero não-binária e se refere a pessoas que reivindicam o gênero masculino, mas não se encaixam completamente na masculinidade tradicional. Termo surgiu no cenário de rap paulistano”.</p> <p>“O termo ‘boyceta’ é passou a fazer parte da comunidade LGBTQIA+ brasileira recentemente. Trata-se de uma identidade de gênero não-binária e se refere a pessoas que não se reconhecem no gênero de nascimento feminino e reivindicam o gênero masculino, mas não se encaixam completamente na masculinidade tradicional”.</p> <p>“Eu sou uma pessoa transmasculina, mas minha identidade de gênero mesmo é boyceta. Mas eu sou uma pessoa de gênero fluido também, então entendo as nuances do gênero, para onde ele caminha. Ser boyceta me dá muita liberdade de expressar minha feminilidade quando eu quero e ter essa identidade meio bixa, que é muito bom”.</p> <p>“Pessoas não binárias estão fora do espectro homem-mulher parcialmente ou totalmente, mas seus gêneros não estão dados, muitas vezes precisamos buscar termos para melhor defini-los. Boyceta foi um termo que me abraçou em comunidade, no meio do rap, no berço do hip hop”.</p>
UOL (https://abrir.link/IwAA)	<p>“A gente não é macho, é boyceta”: termo não é novo e nasceu na periferia”. Escrita por: Lucas Almeida e Lucas Rocha.</p>	<p>“O rapper Jipi77er não esperava que sua vida viraria do avesso ao participar de um podcast no final de maio. Ao falar sobre sua identidade de gênero como boyceta, ele virou alvo de discursos de ódio e viu seu rosto estampado em perfis de representantes da extrema direita”.</p> <p>“Eu sou uma pessoa transmasculina, mas a minha identidade de gênero é boyceta. Só que eu sou uma pessoa de gênero fluido também (qualquer pessoa que não tem gênero fixo, ou seja, que transite entre um ou mais gêneros)’, começou Jipi77er”.</p> <p><i>“Entendo as nuances do meu gênero e para onde ele vai, para onde ele caminha. Ser boyceta me dá muita liberdade de ser gênero fluido, de expressar minha feminilidade quando eu quero, de ter essa identidade ‘meio bicha’ assim, que eu acho muito</i></p>

	<p><i>bom e bonito. [...] E não é nem que eu quero, meu gênero flui simplesmente</i>', conta o rapper" (destaques no original).</p> <p>"O termo boyceta teria surgido oficialmente em 2020, mas veio de processos mais antigos de autorreconhecimento. A autoria da concepção da identidade de gênero é dada a Roberto Chaska Inácio, um boyceta indígena e PCD ligado à cena rap paulistana — o nascimento do termo, inclusive, acontece na Batalha Dominação, um evento de <i>freestyle</i> protagonizado por mulheres e pessoas trans, que ocorre no centro da capital paulista" (destaques no original).</p> <p>"Em termos gerais, boyceta é uma identidade não binária. Nela, estão pessoas que foram designadas como do sexo feminino ao nascimento, mas se identificam com o gênero masculino, sem necessariamente se considerarem homens trans" (destaque no original).</p> <p><i>"Ser boyceta também me significava tentar ser o menos 'macho' possível. Boyceta é sobre minha feminilidade. [...] Nunca foi só sobre genital, nem sobre binariedade ou não binariedade. Boyceta reflete toda minha vida, minha vivência. Esse termo me trouxe conforto com meu corpo e mente, me fez me aceitar melhor. Me trouxe ao mundo"</i> (destaques no original).</p> <p>"Boyaceta e a cultura periférica são indissociáveis. Nascida em meio às batalhas de rap, a identidade é muito característica das vivências de pessoas marginalizadas tanto quanto ao seu gênero, quanto à sua cultura. 'É um termo que nasceu na rua', define Jipi77er" (destaques no original).</p> <p>"Para explicar boyceta, muitas vezes é feito um paralelo com a identidade travesti. O pesquisador Guilherme Calixto Vicente, mestrando em Antropologia pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que se define como boyceta, escreve que ambas as identidades são focadas na fuga do binarismo de gênero e na autodeclaração" (destaques no original).</p> <p><i>"Da mesma forma como a travestilidade foi construída como uma possibilidade de gênero à parte, para além do 'ser homem' e do 'ser mulher', a construção de 'boyaceta' vem se mostrando também enquanto um gênero próprio (muitas pessoas, inclusive, se valem deste paralelismo entre travesti e boyaceta para explicar a nova identidade). A diferença entre boyaceta e homem trans, tal qual travesti e mulher trans, é de autodeclaração"</i> (destaques no original).</p>
--	--

		<p>“Em entrevista a Universa, no entanto, o pesquisador alerta para a necessidade de tratar boyceta como uma identidade com definições próprias” (destaques no original).</p> <p>“Apesar do nome, a identidade boyceta não reduz as pessoas à sua genitália. Guilherme, que também é membro do IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades), explica que, como uma identidade trans, não há como boyceta ser um termo genitalista” (destaques no original).</p> <p>“Acham que pessoas masculinas -- boycetas, homens trans -- têm privilégio masculino. Eu gosto muito de boyceta porque quebra com isso. A gente começa a falar sobre o quanto a gente não só não tem os mesmos poderes políticos, econômicos e simbólicos de homens cisgêneros, como também não tem esses mesmos poderes de mulheres cis, como atendimentos de saúde, direitos trabalhistas, como licença maternidade, e outros benefícios que não conseguimos acessar” (destaques no original).</p>
<p>Revista Marie Claire – Globo (https://abrir.link/ecWwe)</p>	<p>“O que é boyceta? Identidade de gênero ganhou repercussão após fala de rapper”. Escrita por: Bruna Liu.</p>	<p>“Você já ouviu falar sobre o termo boyceta? Ele viralizou nas últimas semanas depois que um corte de vídeo do rapper Jupiter Pimentel explicando sua identidade de gênero tomar as redes sociais. Em participação no podcast <i>Entre Amigues</i>, o paulistano disse ser uma pessoa transmasculina de gênero fluido e se identificou como boyceta” (destaques no original).</p> <p>“Entendo as nuances do gênero, para onde ele caminha. Ser boyceta me dá muita liberdade de expressar minha feminilidade quando eu quero e ter essa identidade meio ‘bicha’, que é muito bom. Meu gênero flui, dependendo do espaço”, conta o rapper”.</p> <p>“Desde que o corte da entrevista de Jupiter viralizou, perfis conservadores passaram a compartilhar o vídeo, incentivando comentários transfóbicos. A repercussão foi tamanha que o termo boyceta chegou a figurar entre os assuntos mais comentados do X (antigo Twitter)”.</p> <p>“Benevides aponta não ter nada de errado o rapper se afirmar boyceta. ‘O que a gente precisa buscar é que sua identidade seja assegurada, sem que ele seja atacado, violentado, exposto e ameaçado sobretudo em um contexto em que no Brasil hoje pessoas trans têm assegurado o direito à sua autodeterminação de gênero como um direito inalienável a partir do reconhecimento feito pelo STF no julgamento da ADI 4275, que garante a retificação de nome gênero, mas a partir da sua própria autodeclaração’”.</p> <p>“O que é boyceta?</p>

		<p>Boyceta é uma identidade que foge do binarismo de gênero, utilizada por indivíduos que se identificam com o gênero masculino, mas não com os estereótipos opressores da definição de um homem" (destaques no original).</p> <p>"Transmasculino é um termo que abrange várias possibilidades de ser trans alinhado ao masculino. E o termo boyceta vem num lugar de reivindicação mesmo, de 'rasgar o véu'. É subversivo, ressignifica termos', declarou Jupiter".</p> <p>"Pessoas não binárias estão fora do espectro homem-mulher parcialmente ou totalmente, mas seus gêneros não estão dados. Muitas vezes precisamos buscar termos para melhor definilos. Boyceta foi um termo que me abraçou em comunidade, no meio do rap, no berço do hip hop paulista, no largo São Bento" (destaques no original).</p> <p>"A autoria da idealização do termo boyceta é dada a Roberto Chaska Inácio, um boyceta indígena e PCD ligado à cena rap paulistana. Inácio morreu em dezembro de 2022".</p> <p>"Comecei o uso do termo com a ideia de não aversão à genital e o medo de que nossa genital nos tornasse menos homens. Eu falava sobre dar! Sim, dar! E que isso não afetava nossa masculinidade. Ser boyceta também me significava tentar ser o menos 'macho' possível. Boyceta é sobre minha feminilidade. [...] Nunca foi só sobre genital, nem sobre binariedade ou não binariedade. Boyceta reflete toda minha vida, minha vivência. Esse termo me trouxe conforto com meu corpo e mente, me fez me aceitar melhor. Me trouxe ao mundo".</p>
<p>Metrópoles – Coluna Pouca Vergonha (https://abrir.link/ZoRbt)</p>	<p>"O que é 'boyceta', palavra mais pesquisada no Brasil, segundo site". Escrita por: Helena Mandarino.</p>	<p>"Além de ser a mais pesquisada no Brasil, a expressão "boyceta" também foi a mais buscada em todo o mundo, segundo site".</p> <p>"Uma pesquisa realizada com dados do site WordTips divulgou a definição de palavras que cada país mais pesquisou em 2024. Os brasileiros mostraram o tamanho da sua expressividade on-line tornando 'boyceta' a mais buscada não apenas no Brasil, como em todo o mundo, com cerca de 220 mil acessos por mês" (destaque no original).</p> <p>"Eu entendo as nuances do gênero, para onde ele está indo, e ser um 'boyceta' me dá muita liberdade para expressar minha feminilidade quando eu quero e ter essa identidade um tanto 'queer', o que é muito bom" (destaque no original).</p> <p>"À época, ele explicou, em participação no podcast Entre Amigues, ser uma pessoa transmasculina de gênero fluido, e se identificou como boyceta".</p>

		<p>“Quando a entrevista foi ao ar, perfis conservadores passaram a compartilhar o vídeo. A repercussão foi tamanha que o termo boyceta chegou a figurar entre os assuntos mais comentados do X (antigo Twitter)”. </p>
Jornal de Brasília (https://abrir.link/tFIH_H)	“O que é um boyceta?”. Escrita por: Demerval Bruzzi.	<p>“Nas últimas semanas, as redes sociais fervilharam com o termo ‘BOYCETA’. A discussão tomou grande proporções, suscitando diversas opiniões e reações”. </p> <p>“Vi diversas manifestações sobre o tema, mas a que mais me chamou atenção foi de uma doutora (lembro que Doutor é quem tem doutorado) afirmado a existência de vários estudos científicos a respeito do tema no Google Acadêmico. Sim, foi isso que você leu: diversos estudos científicos no Google Acadêmico. Curioso que sou, fui até a citada plataforma em busca dos “diversos” ESTUDOS científicos. Achei 39 resultados ao digitar o termo “boyceta” e nenhum ESTUDO e sim, 39 artigos, corroborando assim minha tese de que se trata de uma construção social e ponto”. </p> <p>“E para sanar a curiosidade daqueles que não sabem o que é ‘boyceta’, trata-se de um termo originado em uma ‘batalha’ de rap em São Paulo, que, no final das contas, significa uma pessoa que gosta de GENTE. E a palavra gente é, atualmente, entendida como sendo uma pessoa, e pessoas podem ser sexualmente classificadas como do sexo feminino (com vagina/vulva), do sexo masculino (com pênis) ou intersexuais (casos raros em que existem genitais ambíguos ou ausentes)”. </p>

Fonte: Elaboração própria a partir das fontes indicadas no quadro.

No tocante ao primeiro resultado apontado pela busca no *Google*, referente à matéria intitulada “O que é ‘boyceta’? Termo ganhou repercussão após fala de rapper transmasculino”, escrita por Isadora Wandermurem, para o Portal Terra, em 05/06/2024, nos deparamos com cinco (05) ocorrências da unidade lexical.

Em relação aos usos da unidade lexical a partir de abonações do *corpus*, notamos que a matéria do Portal Terra recuperou algumas falas do *rapper*, especialmente para definir o que é *boyceta*. Na primeira abonação, retirada do Portal Terra, lemos que: “Boyceta é uma identidade de gênero não-binária e se refere a pessoas que reivindicam o gênero masculino, mas não se encaixam completamente na masculinidade tradicional. Termo surgiu no cenário de rap paulistano” (Wandermurem, 2024, *online*). Neste exemplo, temos uma tentativa de definição para a unidade lexical. Este trecho é um resumo da matéria, segundo consta no *sítio*, sendo então, uma síntese do tema ali abordado. Desdobramentos vão sendo vistos ao longo do texto, em outra passagem, Wandermurem diz que:

O termo ‘boyceta’ é passou a fazer parte da comunidade LGBTQIA+ brasileira recentemente. Trata-se de uma identidade de gênero não-binária e se refere a pessoas que não se reconhecem no gênero de nascimento feminino e reivindicam o gênero masculino, mas não se encaixam completamente na masculinidade tradicional (Wandermurem, 2024, *online*).

É possível observar que a escritora tenta definir e explorar os sentidos de *boyceta* com o intuito de explicitar o que o neologismo significa, o que pode ser asseverado pelo título da matéria “O que é ‘boyceta’? Termo ganhou repercussão após fala de rapper transmasculino”. Nesse sentido, Wandermurem tenta discutir de forma respeitosa, levando em conta alguns conceitos para pensar o que é ser *boyceta*, tais como, identidade de gênero, gênero de nascimento, masculinidade, pessoa não-binária, entre outros. Essas escolhas lexicais demonstram uma preocupação em abordar a nova unidade do léxico de forma a conhecer o contexto em que ela nasce e a necessidade social a qual ela responde. Ou seja, os efeitos de sentido que as escolhas lexicais feitas por Wandermurem emitem levam-nos a compreender que se trata de uma matéria que, respeitosamente, tenta desenvolver o tema pela perspectiva do entendimento social e linguístico.

Além disso, a autora recupera falas de Jupitter no episódio do *podcast* para asseverar e explicar o que é ser *boyceta*, como no caso da passagem:

Eu sou uma pessoa transmasculina, mas minha identidade de gênero mesmo é *boyceta*. Mas eu sou uma pessoa de gênero fluido também, então entendo as nuances do gênero, para onde ele caminha. Ser *boyceta* me dá muita liberdade de expressar minha feminilidade quando eu quero e ter essa identidade meio bixa, que é muito bom (Entre Amigues, 2024, *online*).

Nesse excerto da fala de Jupitter, temos a declaração, feita no *podcast*, a partir da qual as polêmicas foram encetadas, nela o *rapper* posiciona-se enquanto uma pessoa transmasculina, afirmando que a sua identidade de gênero é *boyceta*. Além desta passagem, o texto aponta mais um trecho de autoria de Jupitter: “Pessoas não binárias estão fora do espectro homem-mulher parcialmente ou totalmente, mas seus gêneros não estão dados, muitas vezes precisamos buscar termos para melhor defini-los. Boyceta foi um termo que me abraçou em comunidade [...]” (Jupitter, 2024, *online*). Esta declaração faz-se relevante à nossa discussão, uma vez que o *rapper* aponta a necessidade de buscar novas palavras, termos ou expressões para melhor definirem as realidades que nos permeiam, sendo essa uma característica da renovação do léxico.

A segunda matéria selecionada para compor o *corpus* foi elaborada para o *site* UOL, mais especificamente pela Plataforma Universa, que é destinada ao público feminino, o texto tem por título “A gente não é macho é *boyceta*”: termo não é novo e nasceu na periferia”, a escrita é de autoria de Lucas Almeida e Lucas Rocha, com data de publicação no dia 06/06/2024. Nesta matéria, o título aponta-nos que a unidade lexical, possivelmente não é

uma unidade nova na língua, mas já era utilizada em momentos anteriores à polêmica envolvendo Jupitter, além disso, é apontado um contexto de surgimento do item: a periferia.

Deste texto, coletamos doze (12) abonações da unidade lexical e, assim como o anterior, ele recupera citações de Jupitter no *podcast*, mais especificamente aquelas relativas à sua identidade de gênero. Na primeira abonação, os autores contextualizam sobre o fato ocorrido, mencionando que Jupitter, ao participar do *podcast*, não imaginava a repercussão que teria a sua fala, tendo sido, posteriormente, alvo de ataques da extrema direita. Após isso, são utilizadas duas passagens da fala de Jupitter no *podcast*, para principiar a discussão da matéria, a saber, as falas que repercutiram negativamente.

Em uma das abonações há a informação de uma possível autoria da criação da unidade lexical, sobre isso, os autores apontam que:

O termo boyceta teria surgido oficialmente em 2020, mas veio de processos mais antigos de autorreconhecimento. A autoria da concepção da identidade de gênero é dada a Roberto Chaska Inácio, um boyceta indígena e PCD ligado à cena rap paulistana — o nascimento do termo, inclusive, acontece na Batalha Dominação, um evento de freestyle protagonizado por mulheres e pessoas trans, que ocorre no centro da capital paulista (Almeida; Rocha, 2024, destques no original).

Nesta passagem, os autores atribuem a época de criação da unidade lexical ao ano de 2020 e a sua autoria seria de Roberto Chaska, ou seja, seria ele quem cunhou a unidade neológica, entretanto, mesmo sendo possivelmente criada nesta época, remontava a necessidades que já estavam em pauta anteriormente, ademais, há também uma possibilidade geográfica de seu nascimento, a capital paulistana, mais especificamente no contexto de batalhas de rap.

Há também, no texto do site UOL, trechos que contêm explicações para a unidade lexical, na qual podemos ler que

“[...] boyceta é uma identidade não binária. Nela, estão pessoas que foram designadas como do sexo feminino ao nascimento, mas se identificam com o gênero masculino, sem necessariamente se considerarem homens trans” (Almeida; Rocha, 2024, *online*, destques no original).

‘Ser boyceta também me significava tentar ser o menos ‘macho’ possível. Boyceta é sobre minha feminilidade. [...] Nunca foi só sobre genital, nem sobre binariedade ou não binariedade. Boyceta reflete toda minha vida, minha vivência. Esse termo me trouxe conforto com meu corpo e mente, me fez me aceitar melhor. Me trouxe ao mundo’ (Almeida; Rocha, 2024, *online*, destques no original).

Boyceta e a cultura periférica são indissociáveis. Nascida em meio às batalhas de rap, a identidade é muito característica das vivências de pessoas marginalizadas tanto quanto ao seu gênero, quanto à sua cultura. ‘É um termo que nasceu na rua’, define Jupi77er” (Almeida; Rocha, 2024, *online*, destques no original).

Para explicar boyceta, muitas vezes é feito um paralelo com a identidade travesti. O pesquisador Guilherme Calixto Vicente, mestrando em Antropologia pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), que se define como boyceta, escreve que ambas as identidades são focadas na fuga do binarismo de gênero e na autodeclaração (Almeida; Rocha, 2024, *online*, destaque no original).

'Da mesma forma como a travestilidade foi construída como uma possibilidade de gênero à parte, para além do 'ser homem' e do 'ser mulher', a construção de 'boyceta' vem se mostrando também enquanto um gênero próprio (muitas pessoas, inclusive, se valem deste paralelismo entre travesti e boyceta para explicar a nova identidade). A diferença entre boyceta e homem trans, tal qual travesti e mulher trans, é de autodeclaração' (Almeida; Rocha, 2024, *online*, destaque no original).

Apesar do nome, a identidade boyceta não reduz as pessoas à sua genitália. Guilherme, que também é membro do IBRAT (Instituto Brasileiro de Transmasculinidades), explica que, como uma identidade trans, não há como boyceta ser um termo genitalista" (Almeida; Rocha, 2024, *online*, destaque no original).

'Acham que pessoas masculinas -- boycetas, homens trans -- têm privilégio masculino. Eu gosto muito de boyceta porque quebra com isso. A gente começa a falar sobre o quanto a gente não só não tem os mesmos poderes políticos, econômicos e simbólicos de homens cisgêneros, como também não tem esses mesmos poderes de mulheres cis, como atendimentos de saúde, direitos trabalhistas, como licença maternidade, e outros benefícios que não conseguimos acessar' (Almeida; Rocha, 2024, *online*, destaque no original).

A partir destas citações, notamos que o intuito dos autores foi o de informar, prezando por uma perspectiva explicativa, a partir da exposição de informações distintas para discursar sobre quais sentidos estavam relacionados à unidade lexical. Eles recuperaram falas de Jupitter e de pesquisadores inseridos no estudo de temáticas afins às transmasculinidades, dessa forma, os usos da unidade, são elaborados a partir de falas de pessoas que discutem o assunto pelo viés da identificação e do respeito às diversidades.

O terceiro texto selecionado é a matéria intitulada "O que é boyceta? Identidade de gênero ganhou repercussão após fala de rapper", da revista Marie Claire, da editora Globo, ele foi escrito por Bruna Liu e publicado no dia 10/06/2024. Nesta produção, a unidade lexical foi registrada quatorze (14) vezes e exemplos dela podem ser observados a partir das abonações constantes no quadro.

Em relação a este texto, é possível notar o uso da unidade lexical *boyceta* na introdução da matéria, a partir do trecho "Você já ouviu falar sobre o termo boyceta? Ele viralizou nas últimas semanas depois de um corte de vídeo do rapper Jupitter Pimentel explicando sua identidade de gênero tomar as redes sociais" (Liu, 2024, *online*). Além da introdução, outros usos que são feitos desta unidade lexical no texto são citações às falas de Jupitter que viralizaram, notamos que esse recurso aparece também em outras matérias aqui analisadas. Faz-se importante recuperar as falas de Jupitter nestes escritos para retomar o discurso que encetou as polêmicas, isto porque, na tentativa de explicar o que essa palavra

significa, os escritores dos textos jornalísticos precisam recuperar o contexto sócio, político-ideológico que ela representa. Além disso, retomar as falas de Jupitter é também uma maneira de compreender o uso que ele faz da unidade lexical.

No texto escrito por Liu (2024), a autora utiliza ainda outra autoridade na discussão sobre identidade de gênero, nesta oportunidade, ela faz citações de Bruna Benevides falando sobre o assunto, Bruna é secretária da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA). Liu (2024) utiliza-se de falas da secretária para dissertar sobre o contexto de ódio das redes sociais e a busca por assegurar o direito da identidade de pessoas (especialmente pessoas trans) serem respeitadas.

Outros usos que a autora do texto faz são explicativos sobre a unidade lexical e unidades correlatas ao tema, nesse sentido, ela escreve:

O que é boyceta?

Boyceta é uma identidade que foge do binarismo de gênero, utilizada por indivíduos que se identificam com o gênero masculino, mas não com os estereótipos opressores da definição de um homem (Liu, 2024, *online*, destaque no original).

'Transmasculino é um termo que abrange várias possibilidades de ser trans alinhado ao masculino. E o termo boyceta vem num lugar de reivindicação mesmo, de 'rasgar o véu'. É subversivo, ressignifica termos', declarou Jupitter (Liu, 2024, *online*)

'Pessoas não binárias estão fora do espectro homem-mulher parcialmente ou totalmente, mas seus gêneros não estão dados. Muitas vezes precisamos buscar termos para melhor defini-los. Boyceta foi um termo que me abraçou em comunidade, no meio do rap, no berço do hip hop paulista, no largo São Bento' (Liu, 2024, *online*, destaque no original).

Em relação a estes trechos, a tentativa de explicar os sentidos de *boyceta* é respaldada também pelas falas de Jupitter. O texto comprehende essa identidade de gênero como um tipo de identidade que foge ao binarismo homem x mulher e, refere-se a pessoas que se identificam com o gênero masculino, mas não a todas as especificidades do gênero, como no caso dos estereótipos agressores, como destaca a primeira passagem. Além do mais, também podemos observar que o último trecho ressalta a ideia de que, quando as unidades lexicais existentes no acervo linguístico dos falantes não conseguem abranger todas as realidades múltiplas das identidades, é necessário que se busquem unidades capazes de desempenhar o sentido adequado para aquela forma de existir.

A unidade lexical *boyceta* também é explorada quando a autora faz menção ao possível criador dela, o mesmo citado pela matéria do site UOL, Rodrigo Chaska. Ao mencioná-lo no texto, Liu também recupera uma sua fala, para corroborar ao que está sendo entendido por *boyceta* no contexto da matéria da Marie Claire.

O próximo texto do *corpus* advém de uma matéria do Metrópoles, um portal de notícias, para a coluna Pouca Vergonha. Neste texto escrito por Helena Mandarino em 12/02/2025,

observamos o registro de cinco (05) ocorrências da unidade lexical *boyceta*. Nesta produção, intitulada “O que é ‘boyceta’, palavra mais pesquisada no Brasil, segundo site”, pudemos notar que a unidade lexical foi utilizada, assim como nas produções anteriores, citando a fala de Jupitter, em dois momentos. Além do mais, este texto apresenta um uso que os demais não fizeram, como pudemos notar nos textos anteriores, eles utilizam-se da unidade lexical e das falas de Jupitter com o intuito de explicar o(s) possível(is) sentido(s) de *boyceta*, entretanto, no de Mandarino (2025), o objetivo concentra-se mais em demonstrar o efeito que foi causado pela polêmica acerca da palavra na internet, ou seja, a alta busca pela unidade lexical. Também há destaque para o uso da unidade em relação à sua repercussão nas redes sociais, sendo que à época ela figurou “[...] entre os assuntos mais comentados do X (antigo Twitter)” (Mandarino, 2025, *online*). Em relação à forma como Mandarino (2025) aborda a temática, o faz pelo viés do respeito, ressaltando curiosidades até então não vistas em textos anteriores, focalizando não em explicar o sentido da palavra, como vimos até então, mas em discorrer como ela foi a palavra mais “pesquisada no Brasil” e a mais “buscada em todo o mundo” (Mandarino, 2025, *online*).

O último texto que inventariamos para compor nosso *corpus* tem por título “O que é *boyceta*?", escrito por Demerval Bruzzi em 20/06/2024, no qual coletamos três (03) abonações que exemplificam usos da unidade lexical pelo autor. Podemos observar que Bruzzi (2024), ao discorrer sobre o tema, inicia apontando que as redes sociais foram movimentadas pelo tema, nas palavras do autor: “Nas últimas semanas, as redes sociais fervilharam com o termo ‘BOYCETA’. A discussão tomou grande proporções, suscitando diversas opiniões e reações” (Bruzzi, 2024, *online*). Notamos neste trecho que Bruzzi faz um destaque gráfico da unidade lexical com o uso de maiúsculas e aspas, hipotetizamos que tal reforço ocorreu para destacar a unidade lexical, entretanto, como veremos adiante, o uso destes recursos não é destruído de significação e, portanto, de posicionamento ideológico.

O autor aponta que sobre o tema, observou diversas manifestações, segundo as palavras dele:

Vi diversas manifestações sobre o tema, mas a que mais me chamou atenção foi de uma doutora (lembrando que Doutor é quem tem doutorado) afirmando a existência de vários estudos científicos a respeito do tema no Google Acadêmico. Sim, foi isso que você leu: diversos estudos científicos no Google Acadêmico. Curioso que sou, fui até a citada plataforma em busca dos “diversos” ESTUDOS científicos. Achei 39 resultados ao digitar o termo “boyceta” e nenhum ESTUDO e sim, 39 artigos, corroborando assim minha tese de que se trata de uma construção social e ponto (Bruzzi, 2024, *online*).

Neste momento, o autor do texto menciona que, em algum momento, influenciado pelas manifestações sobre o tema, procurou por estudos no *Google Acadêmico* para confirmar uma hipótese sua. Notamos neste trecho que as unidades lexicais graficamente marcadas por aspas e maiúsculas, sendo elas “diversos”, ESTUDOS e “boyceta” emitem um

efeito de sentido de descredibilização da unidade, uma vez que são empregados emitindo uma tonalidade irônica. Isso pode ser comprovado a partir do seguinte trecho “Achei 39 resultados ao digitar o termo ‘boyceta’ e nenhum ESTUDO e sim, 39 artigos, corroborando assim minha tese de que se trata de uma construção social e ponto” (Bruzzi, 2024, *online*), isto porque, quando o autor aponta que buscou pelos estudos e não os encontrou, ele destaca graficamente as palavras “boyceta” e ESTUDO, conferindo a ideia de que não existem estudos sobre o tema ou até mesmo que o tema não é merecedor de estudos, possivelmente por não possuir relevância científica, na visão do autor.

Vale aqui destacar que o objetivo do texto escrito por Bruzzi (2024) não é o de explorar os sentidos da unidade lexical *boyceta*, nem o de pensar sobre as questões de identidade de gênero, mesmo que o título “O que é um *boyceta*?” nos leve a pensar que o texto enveredará por esse caminho. Apontamos isto após observar que, nos textos que compõem o *corpus* e que foram analisados anteriormente, no qual o objetivo era informativo, além de discutir os desdobramentos linguísticos da unidade léxica, os autores, na tentativa de explicar o que estava sendo compreendido socialmente sobre a palavra, retomavam falas do *rapper*, ou seja, do discurso fonte que foi recebido com polêmicas. No caso do texto de Bruzzi, notamos uma crítica em torno do uso de nomenclaturas para designar novas realidades emergentes na sociedade. Com isso, verificamos que há, na intencionalidade do texto, uma deslegitimização do uso da unidade lexical, deslegitimando também o que ela designa, a identidade de gênero em discussão.

Ao final do texto de Bruzzi (2024), ele objetiva apontar um sentido para a unidade lexical *boyceta*, visto o título de seu texto ser uma pergunta sobre o que seria o significado dessa palavra, desse modo, espera-se que o autor forneça uma resposta à questão. Assim, ele escreve que:

E para sanar a curiosidade daqueles que não sabem o que é ‘boyceta’, tratar-se de um termo originado em uma “batalha” de rap em São Paulo, que, no final das contas, significa uma pessoa que gosta de GENTE. E a palavra gente é, atualmente, entendida como sendo uma pessoa, e pessoas podem ser sexualmente classificadas como do sexo feminino (com vagina/vulva), do sexo masculino (com pênis) ou intersexuais (casos raros em que existem genitais ambíguos ou ausentes) (Bruzzi, 2024, *online*).

Quando o autor informa que a unidade lexical tem como possível lugar de nascimento as batalhas de rap em São Paulo, notamos que ele recupera informações contidas nos textos anteriores, entretanto, ao passo que utiliza a palavra batalha entre aspas, faz uso do mesmo efeito de sentido crítico-irônico e descredibilizador que advém deste recurso gráfico, como mencionamos anteriormente. Além do mais, esta passagem nos mostra que, em sua visão, ser *boyceta* é ser uma “[...] pessoa que gosta de GENTE”, quando o autor faz esta afirmação ele está direcionando o sentido para os sentimentos e para a atração das pessoas, o que é

papel da sexualidade e não da identidade de gênero. Isso soa como um desconhecimento por parte do autor do texto das categorias identidade de gênero⁹ e orientação sexual¹⁰ em sua produção, todavia, após o título da matéria de Bruzzi (2024, *online*) há a seguinte passagem: “Conheça a origem do polêmico termo que agitou as redes sociais e entenda sua relevância na construção das identidades de gênero”, demonstrando que, inicialmente, o autor atribui a unidade à identidade de gênero. Quando Bruzzi (2024, *online*) tenta elaborar um significado para a unidade lexical, o faz a partir do viés da simplificação, desconsiderando a identidade de gênero, nesse sentido, seu discurso aproxima-se de um discurso conservador, no qual não são levadas em consideração as diversidades.

Ainda sobre a citação acima, o autor afirma que a unidade lexical “gente” “é, atualmente, entendida como sendo uma pessoa, e pessoas podem ser sexualmente classificadas como do sexo feminino (com vagina/vulva), do sexo masculino (com pênis) ou intersexuais (casos raros em que existem genitais ambíguos ou ausentes)” (Bruzzi, 2024, *online*). A partir deste trecho, podemos verificar que Bruzzi (2024) utiliza-se de argumentos biológicos para tentar explicar uma possível classificação das pessoas em sexo feminino, masculino e intersexuais, com isso ele desconsidera as discussões sobre gênero e identidade de gênero, deslegitimando, portanto, a identidade de gênero *boyçeta*. Utilizar a classificação biológica de sexo invalida a discussão sobre gênero, uma vez que

[...] sexo é uma categoria que ilustra a diferença biológica entre homens e mulheres; [...] gênero é um conceito que remete à construção cultural coletiva dos atributos de masculinidade e feminilidade (que nomeamos de *papeis sexuais*); [...] identidade de gênero é uma categoria pertinente para pensar o lugar do indivíduo no interior de uma cultura determinada e [...] sexualidade é um conceito contemporâneo para se referir ao campo das práticas e sentimentos ligados à atividade sexual dos indivíduos (Grossi, 1998, p.12).

Disso compreendemos que, quando as diversidades são negadas por certos grupos sociais, como é o caso de identidades de gênero, na situação aqui analisada, negam-se também, as mudanças que estão ocorrendo em nossa sociedade e que, por se referirem a novas formas de (re)pensar o mundo e a nossa relação com ele e com os demais indivíduos de uma coletividade, são colocadas no lugar da abjeção ou mesmo descreditadas.

À luz do exposto, notamos que a unidade lexical *boyçeta* tem sido empregada de distintas formas desde a polêmica iniciada no ano de 2024, a partir da declaração de Jupitter. Alguns discursos adotam um viés explicativo e didático, resgatando falas do *rapper* cujo

⁹ Segundo Jesus (2012, p. 24), identidade de gênero refere-se ao “Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem”.

¹⁰ Segundo Jesus (2012, p. 26), a orientação sexual refere-se à “Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero”.

discurso foi alvo das repercussões controversas, enquanto outros orientam-se por uma perspectiva crítica, buscando deslegitimar e minimizar a criação neológica e a realidade a qual ela nomeia.

Acerca desta unidade lexical, compreendemos que o sentido mais aproximado de seu significado pode ser pensado a partir de Vicente e Brandi (2021) e Vicente (2020), para estes autores, a unidade designa

[...] transmasculinidades não hegemônicas, que reivindicam para si uma masculinidade fora da cismatividade, ressignificando e reivindicando a presença das b*cetas/vaginas para corpos transmasculinos e indo contra a ideia de que pessoas transmasculinas nasceram em um corpo errado. Busca romper com a fixidez dos referenciais de masculinidades e feminilidades ocidentais (Vicente; Brandi, 2021, p. 233).

Da mesma forma como a travestilidade foi construída como uma possibilidade de gênero à parte, para além do ‘ser homem’ e do ‘ser mulher’, a construção de ‘boyceta’ vem se mostrando também enquanto um gênero próprio (muitas pessoas, inclusive, se valem deste paralelismo entre travesti e boyceta para explicar a nova identidade). A diferença entre boyceta e homem trans, tal qual travesti e mulher trans, é de autodeclaração, mas implica também em reivindicar uma masculinidade que não evoca a ideia de homem, muitas vezes passando pelo lugar do transviado, da anunciação de uma masculinidade que além de não ser falocêntrica se propõe a não ser tóxica e frágil tal qual é a masculinidade cis-hétero-patriarcal, não se limitando à uma reprodução impensada da mesma (Vicente, 2020, p. 20).

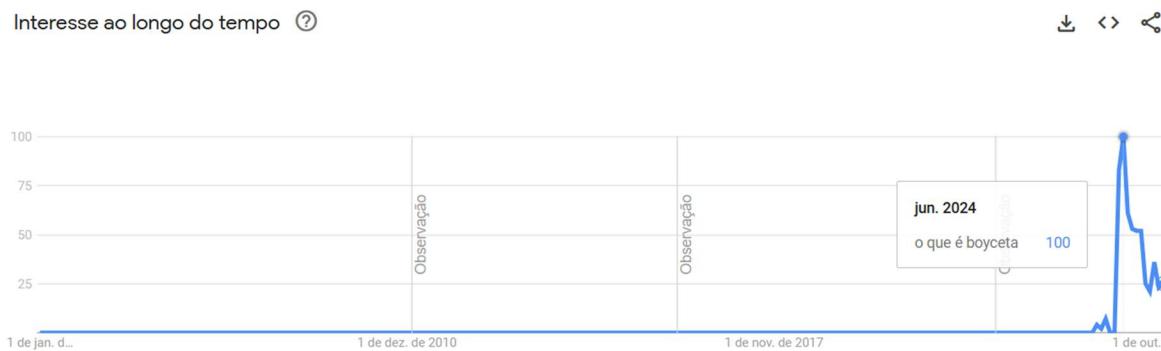
A partir destas citações e daqueles usos que compuseram nosso *corpus* pela perspectiva da explicação e do respeito às diversidades, compreendemos que ser *boyceta* é reconhecer-se a partir de uma (trans)masculinidade que não partilha da cismatividade e tal identidade também se distancia da concepção de homem que nos foi ensinada culturalmente. A identidade de gênero *boyceta* é não-binária, quer dizer que não se alia às concepções de homem e mulher tradicionais, mas busca por uma (trans)masculinidade que não esteja vinculada aos estereótipos da masculinidade cismativa. Dessa forma, pessoas que se identificam enquanto *boycetas* são pessoas com vulva, ou seja, pessoas que foram designadas no nascimento como pertencentes ao sexo feminino, como ressaltaram Vicente e Brandi (2021, p. 233), essa identidade de gênero reivindica a presença da vulva para os corpos transmasculinos, uma vez que vai “[...] contra a ideia de que pessoas transmasculinas nasceram em um corpo errado”.

Retiramos algumas discussões de trabalhos acadêmicos publicados, nos quais encontramos a temática sendo trabalhada, embora poucos ainda sejam os estudos sobre o tema, notamos que algumas investigações vêm sendo publicadas, como é o caso do trabalho de Vicente (2020) que aqui nos valemos para explicar a unidade lexical. Notamos que nas abonações que utilizamos, em alguns momentos atribui-se a criação do neologismo a Roberto Chaska, surgido oficialmente em 2020, mas que advinha de processos mais antigos,

acreditamos que aproximadamente este possa ser o período de surgimento do neologismo, visto que desde 2020 existem trabalhos que visam a discutir o tema academicamente, como o de Vicente (2020).

Ainda sobre as possibilidades de surgimento dessa unidade lexical, verificamos no *Google Trends* o interesse de pessoas pela unidade em buscas pela internet, vejamos a imagem abaixo do gráfico gerado pela ferramenta:

Gráfico 1 – Interesse pela expressão “o que é boyceta” ao longo do tempo.



Fonte: Elaborado pela Ferramenta *Google Trends* em março de 2025.

A partir do gráfico, obtivemos a informação de que não houve pesquisas para a expressão “o que é boyceta” de 2004 a 2023. Somente em dezembro de 2023 temos os primeiros registros de busca que concentram um número de pesquisas igual a 4% do maior número alcançado em um mês, após isso, as buscas só voltam a ser feitas em fevereiro de 2024, com 7% de registros. Depois desse momento, em maio de 2024, 83% de pesquisas foram feitas na internet pelos internautas a partir dessa palavra, acreditamos que esse salto significativo se deu porque o *podcast* foi ao ar no *YouTube* no dia 22 de maio de 2024 e, subsequentemente a isso, as buscas aumentaram, tendo o seu ápice no mês seguinte, junho de 2024, com 100% registros, ou seja, momento em que o maior número de pesquisas pela palavra foi feito, como é possível notar no gráfico. Posteriormente, o gráfico demonstra que as pesquisas começaram a diminuir, mas não cessaram até o presente (março de 2025), porque a discussão sobre a unidade lexical ainda está ocorrendo. Uma outra hipótese para que as pessoas ainda continuem buscando sobre essa unidade lexical na internet é a do conhecimento: indivíduos possivelmente podem estar pesquisando para informarem-se mais sobre essa novidade linguística e seu significado social.

Um dado que vale a menção aqui é a inclusão da unidade lexical no Dicionário inFormal (2025), uma obra lexicográfica colaborativa *online* alimentada por usuários (ou seja, não lexicógrafos), nela registram-se unidades lexicais em uso na sociedade. Nesse Dicionário, a menção a *boyceta* ocorre em 2024, ano em que se polemiza a unidade lexical, ainda assim,

a consideramos neológica, visto não estar dicionarizada nas obras monolíngues de referência e por carregar consigo um sentimento neológico, ou seja, causando uma agitação e um sentimento de novidade em torno dela, possivelmente por ser pouco conhecida pelos falantes não inseridos nas discussões sobre as identidades de gênero e transmasculinidades.

À guisa de conclusão

Levando em conta o que foi aqui abordado, concluímos que as unidades lexicais da língua estão em constante renovação e que as mudanças na sociedade refletem-se na língua. Por esse motivo, a língua e seu léxico intentam acompanhar as mudanças sociais, políticas e identitárias.

Nesse sentido, a construção da unidade lexical *boyceta* faz a junção de uma palavra que se refere inicialmente ao gênero masculino (*boy*) e uma ligada ao feminino (*buceta*) para, então, dar a ideia de uma identidade de gênero que escapa ao binarismo de gênero. Isso quer dizer que, na identidade *boyceta* “[...] estão pessoas que foram designadas como do sexo feminino ao nascimento, mas se identificam com o gênero masculino, sem necessariamente se considerarem homens trans” (Almeida; Rocha, 2024, *online*), em outras palavras, pessoas que foram designadas como pertencentes ao gênero feminino, mas que se identificam com particularidades do universo masculino, sem abarcar todas as nuances deste gênero.

À luz do exposto, compreendemos que cumprimos o objetivo central deste estudo, pois discursamos acerca da neologicidade da unidade lexical *boyceta*, além disso, analisamos alguns de seus usos na mídia, os quais resumiram-se em matérias jornalísticas, dado o recorte que elaboramos. Assim, pudemos verificar que alguns usos da unidade lexical em questão foram feitos levando-se em conta as falas de Jupitter e outros *boycetas*, como Roberto Chaska, além de recuperar posicionamentos de autoridades no assunto. A partir dos textos que compuseram o *corpus*, observamos que, em sua maioria, são textos voltados à exploração didática da unidade lexical e de seus sentidos, visando a uma divulgação do conhecimento sobre ela, portanto, são produções que prezam o respeito às diversidades. Inversamente, também observamos um texto que discute a unidade lexical por um viés que se alinha a uma perspectiva conservadora, por minimizar os sentidos da unidade lexical e relegá-la à deslegitimização.

Faz-se relevante destacar que este estudo linguístico visou analisar a unidade pela perspectiva neológica e do sentimento neológico, sendo que a unidade lexical poderia ser vista a partir de outras óticas e em outras produções, possibilitando uma discussão mais ampla do assunto.

Referências

- ALMEIDA, L.; ROCHA, L. 'A gente não é macho, é boyceta': termo não é novo e nasceu na periferia. Universa UOL. [S. I.], 2024. Disponível em: <https://abrir.link/lwAAt>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- ALVES, I. M. *Neologismo*: Criação lexical. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- ALVES, I. M. Neologia e tecnoletos. In.: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 25-31.
- ALVES, I. M.; MARONEZE, B. O. *Neologia: histórico e perspectivas*. *Revista GETLex*, Uberlândia, v. 4, n. 1, p. 5-32, 2018.
- ALVES, I. M. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, n. 28 (supl.), 1984. p. 119-126. Disponível em: <https://abrir.link/HetEi>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. dos S. *Aulete Digital*. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa: Dicionário Caldas Aulete, *online*. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em: 13 jan. 2025.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In.: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. Ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.
- BRUZZI, D. *O que é um boyceta?* Jornal de Brasília. [S. I.: s. n.], 2024. Disponível em: <https://abrir.link/tFIHH>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- BORBA, F. S. *Dicionário Unesp do português contemporâneo*. Curitiba: Piá, 2011.
- CABRÉ, M. T. *La terminología*. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editoria, Antártida / Empúries, 1993.
- CARVALHO, N. *O que é neologismo?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- COELHO, M. G.. *Gêneros desviantes*: O conceito de gênero em Judith Butler. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Florianópolis: 2018.
- CORREIA, M.; ALMEIDA, G. M. de B. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- DICIONÁRIO INFORMAL. Dicionário inFormal - Significados, Definições, Sinônimos, Antônimos, Relacionadas, Exemplos, Rimas, Flexões. 2006-2025. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- ENTRE AMIGUES. *Episódio 04*: rapper, boyceta, bisexual e influenciador contra o corpo padrão com Jupi77er. [S. I.: s. n.], 2024. 1 vídeo (1h04min58s). Publicado pelo canal Entre Amigues. Disponível em: <https://abrir.link/KXUJD>. Acesso em: 28 mar. 2025.
- FERREIRA, A. B. de H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FRANKENBERG-GARCIA, A. The lexicography of Portuguese. In: HANK, P.; DESCHYVER, G. M. (orgs.). *International Handbook of Modern Lexis and Lexicography*. Springer, Berlin, Heidelberg, 2017. p.1-10.

GOOGLE TRENDS. Veja o que o mundo está pesquisando. Disponível em: <https://abrir.link/yfobc>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GROSSI, M. P. Identidade de Gênero e sexualidade. *Antropologia em Primeira Mão*, Florianópolis, 1998. p. 1-18. Disponível em: <https://abrir.link/GNVOI>. Acesso em: 17 mar. 2025.

HOUAIS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Versão monousuário 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JESUS, J. G. de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Brasília: Escritório de Direitos Autorais da Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

KEHDI, V. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 2003.

LIU, B. *O que é boyceta?* Identidade de gênero ganhou repercussão após fala de rapper. Marie Claire. [S. I.]. São Paulo: Globo, 2024. Disponível em: <https://abrir.link/ecWwe>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MANDARINO, H. *O que é “boyceta”, palavra mais pesquisada no Brasil, segundo site*. Metrópoles. [S. I.], 2025. Disponível em: <https://abrir.link/ZoRbt>. Acesso em: 28 mar. 2025.

MICHAELIS. *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora: Melhoramentos Ltda., 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 13 set. 2023.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Org). Apresentação. In.: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande-MS: EdUFMS. 2001, p. 9-11.

ORSI, V. *Metáforas do universo lexical português e italiano das zonas erógenas: ânus, nádegas, pênis, seios, testículos e vulva*. 2009. 225 f. Tese (Doutorado em Estudos Lingüísticos) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto: 2009.

SCOTT, J. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1995. Disponível em: <https://abrir.link/CEytf>. Acesso em: 28 mar. 2025.

SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In.: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 73-102, 2014.

VICENTE, G. C. *Direitos sexuais e reprodutivos de homens trans, boycetas e não-bináries: uma luta por reconhecimento e redistribuição de saúde pública no Brasil*. 2020. Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Administração Pública. São Paulo: 2020. Disponível em: <https://abrir.link/qVXWs>. Acesso em: 28 mar. 2025.

VICENTE, G. C.; BRANDI, C. C. Direitos reprodutivos e sexuais em foco: experiências de Boycetas em atendimento ginecológico. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, [S. I.], v. 7, n. 3, p. 229–245, 2021. Disponível em: <https://abrir.link/EstZc>. Acesso em: 30 mar. 2025.

WANDERMUREM, I. *O que é “boyceta”?* Termo ganhou repercussão após fala de rapper transmasculino. *Portal terra*. [S. I.], 2024. Disponível em: <https://abrir.link/irZjR>. Acesso em: 13 jan. 2025.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In.: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 15. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 7-72, 2014.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (org.). *Dicionário de Termos Linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990/1992. Disponível em: <https://bitlyli.com/V01lg>. Acesso em: 30 jan. 2025.

Sobre os autores

Ana Vitória Gomes Moreira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3117-7576>

Doutoranda em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão (PPGEL/UFCAT), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), mestra em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT) e licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

Vanessa Regina Duarte Xavier

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6718-2361>

Doutora em Filologia e Língua Portuguesa, pelo programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (2012). Docente nos cursos de licenciatura em Letras Português e Letras Português e Inglês da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT).

Recebido em abr. 2025

Aprovado em ago. 2025